

CONCEPTUALIZAÇÕES METAFÓRICO-AVALIATIVAS DA RELAÇÃO ORIENTANDO- ORIENTADOR

Cyntia Santana da Silva

Orientadora: Solange Vereza

Mestranda

RESUMO: Este trabalho propõe investigar o papel da metáfora na conceptualização e avaliação da relação orientando-orientador sob a perspectiva da Linguística Cognitiva (LC), com foco na linguagem em uso. Segundo Lakoff e Johnson (1980 [2002]), a metáfora, mesmo abordada como um instrumento cognitivo, interage com a linguagem e a cultura na compreensão do mundo que nos cerca e na forma como interagimos com ele. Entendemos, portanto, que estudar aspectos culturais e sociais que envolvem essa relação como proposto por autores como Kövecses (2005) e Gibbs (2002) possam contribuir para essa reflexão. Buscaremos apoio no conceito de *frames*, instâncias atuantes das representações cognitivas, constitutivas de nosso sistema conceptual, e o seu papel na conceptualização da experiência. Para Semino (2008), o estudo da metáfora no discurso propicia questionamentos sobre o porquê de algumas escolhas metafóricas e padrões de uso ocorrerem em alguns textos, gêneros e discursos específicos. Esses questionamentos levam o pesquisador a buscar respostas no papel e nos objetivos que tanto falantes quanto ouvintes desempenham na comunicação. Dessa forma, buscamos a contribuição de autores que discorrem sobre a metáfora no discurso tais como Vereza (2013), Cameron e Maslen (2010), Cameron e Deignan (2006) e Semino (2008). Nesta perspectiva, a nossa pesquisa será norteada pelas seguintes perguntas de caráter geral: a) Seria possível identificar padrões específicos de uso de expressões metafóricas no discurso de orientandos que fazem referência ao papel desempenhado ou esperado de orientadores? b) Seria a metáfora usada com o objetivo de promover diferentes representações dessa relação? Acreditamos ser possível encontrar no corpus evidências de que as metáforas conceptuais podem estar na base de algumas das metáforas situadas encontradas. Os *corpora* que compõem o trabalho foram constituídos a partir de: 1) pesquisa *online* com a entrada “Orientador é como...”. e 2) formulário introduzido na plataforma *google forms* e postado em grupos de redes sociais cujos participantes são estudantes de pós-graduação. Os estudantes completariam uma ou as duas sentenças: a) Há orientadores de todos os tipos. Tem orientador que é que nem... e b) Há orientadores de todos os tipos. O meu foi/é que nem... A partir das respostas obtidas, empreendemos uma análise que buscou responder as perguntas mais específicas que norteiam este trabalho: a) Que metáforas

conceptuais são instanciadas por orientandos sobre orientadores? Quais os *frames* evocados para estruturação do discurso dos orientandos? b) Haveria uma articulação entre as metáforas situadas e as metáforas conceptuais? Como essa articulação se dá? Foram encontradas evidências de que orientadores são descritos a partir de *frames* associados a viagem (guia, orientador, desorientador), carrasco (carrasco, Miranda Priestly e Nazaré Tedesco) e esses *frames* estariam por trás de algumas expressões metafóricas presentes no discurso de orientandos sobre orientadores.

PALAVRAS-CHAVE: metáfora conceptual; metáfora situada; frames; cultura

Introdução

Este trabalho propõe investigar o papel da metáfora na conceptualização, de natureza avaliativa da relação orientando-orientador sob a perspectiva da Linguística Cognitiva (LC), com foco na linguagem em uso.

Em 2014, a revista científica *Nature Biotechnology* publicou um relatório de pesquisa feito pela Universidade de Berkley, Califórnia, sobre a saúde mental dos estudantes de pós-graduação das áreas de ciências biológicas. Os dados sustentam que, na pós-graduação, os alunos enfrentam vários desafios tais como: a alta competitividade no campo das ciências (que se reflete também no mercado de trabalho), o extenso período de dedicação necessário para a formação profissional e financiamento para realização de pesquisas e, por fim, a adaptação à vida acadêmica. Alguns estudantes, pressionados por alguns desses fatores mencionados, chegam a desenvolver quadros de depressão e ansiedade, recorrendo, inclusive, ao uso excessivo de substâncias médico-farmacológicas.

A pesquisa, publicada na *Nature Biotechnology*, buscou investigar quais seriam os fatores fundamentais para o sucesso acadêmico. Os resultados apontam como primordiais para o bem-estar pessoal e profissional desses alunos uma rede de apoio social, estabilidade financeira, progresso nas pesquisas acadêmicas, melhores perspectivas para a carreira, vida saudável e a relação com o orientador de pesquisa. Entretanto, é consenso no meio acadêmico que mais pesquisas precisam ser empreendidas para descobrir o quanto o sucesso ou o fracasso na academia influencia a saúde mental de alunos.

O presente estudo elege a relação entre orientador e orientandos, como um aspecto importante neste quadro, tornando-a um campo frutífero para estudos nas áreas de psicologia, pedagogia e, mais especificamente, na linguística (o escopo deste trabalho),

quando pensamos na forma como essa relação é explicitada através da linguagem. Entre os diversos fenômenos linguísticos possíveis, nossa escolha recai sobre a metáfora.

O objetivo geral desse estudo consiste em investigarmos de que forma as relações entre orientadores e orientandos são conceptualizadas metaforicamente. Os objetivos específicos consistem em (a) Identificar as expressões linguístico-metafóricas e metáforas situadas no *corpus* a fim de explorar as representações cognitivas da relação entre orientador e orientando, (b) identificar as metáforas conceptuais e *frame* subjacentes às expressões linguístico-metafóricas e metáforas situadas encontradas em (a) e (c) a partir dos resultados da identificação empreendida em (a) e (b), propor um esquema conceptual que reflita as conceptualizações da relação entre orientando e orientador.

A Metáfora

As pesquisas sobre metáfora, particularmente as que se ancoram na Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), formalizada por Lakoff e Johnson (1980 [2002]), podem oferecer aos estudiosos da linguagem um vasto campo de pesquisa uma vez que, nas palavras de Deignan (2010), “as metáforas conceptuais ajudam pesquisadores a identificar estruturas conceptuais que refletem e moldam os padrões de pensamento que emergem na comunicação”.

Lakoff e Johnson (op.cit.) defendem que a linguagem cotidiana é densamente metafórica e apenas parcialmente literal. Em oposição aos estudos que colocavam a metáfora como desviante do literal e uma mera figura decorativa no texto, a metáfora passa a ser vista como um fenômeno central na linguagem e no pensamento, onipresente em todos os tipos de linguagem.

A TMC representou um avanço fundamental para o entendimento da metáfora, sinalizado pela mudança do *locus* da metáfora da linguagem para o pensamento (VEREZA, 2010), fundamentado pelas experiências corpóreas, de acordo com Lakoff e Johnson (1980 [2002]), e culturais, na visão de Kövecses (2005). A metáfora conceptual seria o mapeamento de dois domínios no sistema conceptual e, a partir deste mapeamento, a metáfora linguística emerge, instanciada na linguagem (STEEN, 2006). Os achados de Lakoff e Johnson (1980 [2002]) apontam para evidências de que as metáforas conceptuais não são apenas formas de descrever uma coisa a partir de outra, mas que nos levam a pensar uma coisa a partir de outra. Amor, vida e discussão, conceitos considerados

abstratos, são conceptualizados a partir de experiências concretas que os aproximam de “jornada”, “viagem” e “guerra”, ou seja, experiências que tem origem no indivíduo inserido num contexto sociocultural compartilhado.

A metáfora é um fenômeno pluridimensional (CAMERON, 2010) e “sua presença na linguagem evidencia como o pensamento é estruturado e refletido no discurso, que cumpre papel de organizador e estruturador da experiência do ponto de vista sociocognitivo” (VEREZA, 2013). Em relação ao discurso, interessa-nos a definição de Semino (2008): “*linguagem de ocorrência natural*: exemplos reais de escrita ou fala que são produzidos e interpretados em uma circunstância particular e para propósitos específicos”. Parece evidente, de acordo com Deignan (2010), que as metáforas são melhor compreendidas quando analisadas dentro de um contexto cultural, a partir da relação entre participantes de um evento comunicativo.

Para a Linguística Cognitiva, tanto as metáforas novas (criativas) quanto as convencionalizadas (congeladas) são licenciadas por metáforas conceptuais subjacentes (VEREZA, 2007) em determinadas expressões linguísticas. As metáforas novas são altamente motivadas através dos mapeamentos inusitados que criam efeitos discursivos.

Com o objetivo de se empreender uma análise mais abrangente sobre os efeitos do uso de metáforas na discursividade, Cameron (2008), Cameron e Deignan (2006), Cameron e Maslen (2010) propuseram unidades de análise como o *metaforema*, correspondente às metáforas novas, criativas, emergentes e locais, ligadas a um sistema complexo e metáfora sistemática, que seria aquela cognitiva, não necessariamente explicitada no texto, mas subjacente ao discurso, encontrada em textos específicos.

O conceito de “nicho metafórico” (VEREZA, 2007; 2010) também contribui para o entendimento da metaforicidade do texto a partir de desdobramentos textuais de uma ou mais metáforas locais e episódicas. Para essas metáforas, utilizaremos o termo “metáfora situada”.

A metáfora situada possui a propriedade de organização textual, mesmo não estando explicitada; e conduz cognitiva e discursivamente todo o desdobramento ou mapeamento textual, online ou episódico (op. cit.) construindo um determinado objeto de discurso (MONDADE E DUBOIS, 2003) ou ponto de vista de maneira intencional. A metáfora situada utiliza-se de outro domínio da experiência, estabelecendo uma comparação que atua na construção da argumentação em torno de uma ideia.

Isto posto, abordar a metáfora no discurso, propicia questionamentos sobre o porquê de algumas escolhas metafóricas e padrões de uso ocorrerem em alguns textos, gêneros e discursos específicos (SEMINO, 2008). Esses questionamentos levam o pesquisador a buscar essas respostas no papel e objetivos que falante e ouvinte desempenham na comunicação e no contexto em que ela ocorre, um contexto caracterizado por aspectos históricos, políticos, sociais e culturais compartilhados pela comunidade linguística.

Percebe-se que a partir desse ponto de vista sociocognitivo, para compreendermos e entendermos a metáfora e seu uso, é necessário acesso aos MCIs e aos *frames*, que seriam ancoradores de sentido e conhecimento culturalmente compartilhado e estruturadores da experiência humana.

Fillmore (1975) sustenta que o termo *frame* designa um sistema de conhecimento armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência. Através dos *frames*, acessamos estruturas do conhecimento que relacionam elementos e entidades associados a cenas da experiência humana a partir do que é compartilhado e vivido por uma comunidade. Neste trabalho, portanto, a identificação de *frames* nos possibilita entender o uso das metáforas e sua implicação a partir das categorias lexicais utilizadas para se referir à relação orientador/orientando.

O lugar de destaque dessas unidades de análise, metáfora sistemática, metáfora situada e nicho metafórico deve-se ao crescente interesse por estudos sobre metáfora que façam essa articulação entre suas várias dimensões: a sociocognitiva, a linguística e a discursiva (Vereza 2010).

Na sessão seguinte, procedimentos metodológicos, descrevemos como a pesquisa foi estruturada.

Procedimento Metodológico

Como ponto de partida, começamos a pesquisa no Google inserindo as palavras-chave entre aspas, “meu orientador é como”, “orientador é como”. A pesquisa nos direcionou para sites como, “Pós-Graduando”¹ e “Sobrevivendo na Ciência”², cujos

¹ <http://posgraduando.com/>

² <https://marcoarmello.wordpress.com/2015/09/11/mudandodeorientador/>

objetivos são, através de artigos curtos, dar dicas e explicar os processos que envolvem a pós-graduação no país. Os sites, que se enquadram no gênero blog, estão entre os selecionados para a composição do *corpus* do trabalho, conforme será mostrado na seção de Análise dos Dados.

A escolha por “é como” foi deliberada, uma vez que há um papel inferencial claro para interpretação de metáforas sob a perspectiva de símiles, como pode ser observado na proposta de interpretação de metáforas nominais (Miller, 1979) que são metáforas comparativas com forma X é (como) Y.

Em seguida, procedeu-se à separação de cada artigo/texto que fizesse menção à relação orientador-orientando. Para esse fim, foi necessário que pesquisássemos individualmente as entradas produzidas pelo *Google* para termos a certeza de que os textos poderiam ser incluídos como fonte para o *corpus*. Foram selecionados alguns destes textos para este trabalho.

Em um segundo momento, empreendemos uma pesquisa online com estudantes de pós-graduação de diferentes instituições do Brasil, através de formulário no *google.forms*, em que os estudantes eram convidados a completar as seguintes frases:

“Há orientadores de todos os tipos. Tem orientador que é que nem ...”

“Há orientadores de todos os tipos. O meu foi/é que nem ...”

Direcionamos o formulário para sites de pós-graduação encontrados na rede social virtual Facebook, a saber: Bolsistas CNPQ, Bolsistas Capes, Bolsistas Capes/CNPQ, Bolsistas Capes/CNPQ Sem Censura, Pós-Graduação da Depressão, Pós-Graduação, Vida de Pós-Graduando e Mestrado da Depressão. A escolha por esses sites se justifica pelo público a que se destinam, estudantes de pós-graduação, o público-alvo da presente pesquisa.

Posteriormente, procedeu-se à pesquisa individual de cada resposta produzida pelos participantes da pesquisa para termos a certeza de que as mesmas poderiam ser incluídas como fonte para o *corpus*. As respostas dadas com adjetivos, tais como “péssimo”, “egoísta”, “horrível”, “comprometido”, “sensato”, “péssimo” e outros, foram automaticamente descartadas, uma vez que adjetivos não formam expressões metafóricas.

Os materiais levantados foram trabalhados manualmente, de acordo com a metodologia de identificação de metáforas proposta por Cameron e Maslen (2010) com o objetivo de observar as metáforas linguísticas e mapear os *frames* estruturadores do

discurso e os respectivos tópicos e domínios, ou seja, identificar os elementos metafóricos e os não metafóricos. Por exemplo, “um orientador é como um guia, que mostra o caminho certo e direciona a jornada, me senti guiada durante todo esse percurso, (...)”³ em que o tópico (orientador), é descrito, utilizando-se de características de um guia, o veículo da metáfora linguística. A própria construção traz ainda a “explicação” do que seria a metáfora, o guia é alguém que direciona, aponta o caminho certo, da mesma forma que o orientador de pesquisa ao apontar os caminhos para que seu orientando desenvolva seu trabalho com sucesso.

As metáforas foram interpretadas, de acordo com Charteris-Black (2004), na tentativa de se estabelecer uma relação entre elas e os fatores cognitivos e pragmáticos que as determinam. “É possível considerar como as escolhas de metáforas são proativas na construção importante de uma representação social” (op. cit).

Identificamos as marcas linguísticas metafóricas ou veículos que pudessem indicar metáforas situadas localmente no *corpus* retirado da Internet e no *corpus* procedente da pesquisa online. A partir dessa primeira identificação, foram propostos *frames* e metáforas conceptuais subjacentes às metáforas situadas. Com isso, esperamos poder propor um quadro mais amplo, reunindo todo o material coletado, que possa esquematizar as conceptualizações da relação orientador/orientando.

As perguntas que irão direcionar a pesquisa buscam (a) identificar quais metáforas situadas sobre a relação orientando/orientador são encontradas no *corpus* e (b) quais metáforas conceptuais e *frame* são evocados a partir das metáforas situadas identificadas.

Na seção seguinte, propomos uma análise do *corpus* selecionado com o objetivo de mapear a presença de metáforas situadas e as metáforas conceptuais subjacentes (quando são encontradas) e os *frame* que são acionados a partir das evidências metafóricas encontradas.

Análise dos dados

Nesta seção, propomos a análise do material selecionado, em que acreditamos ser possível encontrar evidências de que a relação orientador-orientando é conceptualizada a partir de experiências sociocognitivamente compartilhadas. Iniciaremos por uma

³ <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/7629/DissJMIM.pdf?sequence=1>

categorização por *frames*, e escolhemos dois para compor essa seção: O *frame* guia e o *frame* carrasco.

Frame viagem

Em 16 respostas, orientador é conceptualizado como alguém que orienta ou desorienta. No Dicionário Aulete Digital⁴, orientar no sentido figurado, significa indicar (procedimento, atitude mais adequados) a, aconselhando, ensinando a assumi-los, instruir a respeito de uma decisão; encaminhar; guiar. Desorientar, não orientar e orientar nada, seriam o contrário. Parece-nos que o sentido metafórico da palavra está tão impregnado no discurso que as respostas com “orientador” são objetivas, não necessitando de esclarecimentos, enquanto que quando “desorientador” é usado, ele aparece sozinho ou vem acompanhado de um aposto. Destacamos duas respostas:

(1) “Desorientador. Saía das reuniões mais perdida do que quando chegava. Sentia que precisava de alguém para me direcionar na pesquisa e não dizer um monte de coisas que no fim faziam pouco sentido. Minhas dúvidas continuaram e tive que me virar sozinha pra terminar o trabalho. Horrível.”

(2) “Desorientador. Nunca aparece e quando aparece, não ajuda em nada.”

Se o orientador aconselha, encaminha, o desorientador deixa o aluno perdido, e com muitas dúvidas e com expectativas frustradas, pois o trabalho fica sem direcionamento. Em (2) uma outra característica do orientador “desorientador” que será analisada mais tarde é mencionada: a de ser alguém que nunca aparece, o que quando aparece, logo desaparece.

O orientador como “guia” apareceu mais vezes em textos retirados da Internet, 3, em contraste com a pesquisa *online*, 2 vezes. Segundo o dicionário Houaiss, “guia” é aquele que “serve de modelo, pessoa que conduz outra”.

(3) “Um guia numa trilha”

(4) “... melhor mestre é aquele que te guia pelo melhor caminho, cabe ao orientando segui-lo ou não. Nesse percurso, o orientador te ajuda, te aconselha, te ensina, te guia pelo melhor caminho, mas a tarefa de buscar e perseguir o objetivo é nosso.”⁵

⁴ <http://www.aulete.com.br/orientador>

⁵ <https://www.facebook.com/groups/308640309159780/permalink/1628675970489534/>

(5) “... um orientador é como um guia, que mostra o caminho certo e direciona a jornada, me senti guiada durante todo esse percurso, muito obrigada.”⁶

Quando procuramos o verbo guiar, a definição deste, no seu sentido figurado, se aproxima mais do que o contexto acadêmico o define: aconselhar, no sentido de escolher diretriz intelectual, orientar, conduzir por um caminho/direção. Orientador como guia está inscrito no próprio léxico: de acordo com o Dicionário Aulete Digital, “que orienta, direciona, guia, é mentor, é condutor” e na cena educacional “que orienta os estudos e pesquisas do aluno”⁷

Orientador “guia” é alguém que ajuda durante o mestrado e/ou doutorado, conceptualizados em (3) como uma “trilha”, “percurso”, o “caminho” a ser seguido.

Acreditamos que guia, orientador e desorientador façam parte de um *frame* mais geral, *guia*, acionado pela metáfora conceptual mais abrangente, PROFESSOR É GUIA e que essa metáfora é a base da metáfora situada ou episódica “orientador é guia” em que os papéis de professor e orientador são colocados em um mesmo nível de atuação e de função. Para o professor, o destino é a aprendizagem e o percurso até alcançá-la se daria através das estratégias criadas para que ela aconteça. Caberia ao orientador ajudar e direcionar o orientando no percurso acadêmico, que teria um fim com a conclusão da dissertação ou da tese, como em (4) e (5). As metáforas conceptuais FAZER UMA DISSERTAÇÃO É UMA VIAGEM/JORNADA, ESCREVER UMA TESE É UMA VIAGEM e FAZER DISSERTAÇÃO/TESE É CAMINHAR, formariam a base da experiência onde expressões metafóricas surgem no discurso para significar o que se entende por um guia que ajuda na “trajetória”, “trilha” acadêmica, neste caso, dos alunos ou orientandos. Nos exemplos acima retirados do *corpus*, vemos como a metáfora situada “orientador é guia” aparece no discurso, fundamentando a ideia do papel importante do orientador enquanto alguém a quem o orientando deve seguir e que, para o sucesso da relação acadêmica, tem que assumir esse papel de ajudante do orientando na escolha do melhor caminho.

⁶ <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/7629/DissJMIM.pdf?sequence=1>

⁷ <http://www.aulete.com.br/orientador>

Frame carrasco

O dicionário Aulete *online*⁸ define “carrasco” como: 1. Aquele que executa a pena de morte; algoz; verdugo; 2. Fig. Indivíduo cruel e desumano; 3. Pop. Aquele que é dado a disciplinar, a impor regras e condutas, e a punir a indisciplina de forma enérgica, tirânica e rude.

Encontramos, entre as respostas do questionário *online*, o *frame carrasco* associado a duas figuras ficcionais que destacamos, Miranda Priestly, do filme “O Diabo Veste Prada” e “Nazaré Tedesco”, personagem de novela exibida pela Rede Globo. Nas respostas dadas, não foram feitos comentários adicionais que explicitem os mapeamentos feitos pelos respondentes. Conseqüentemente, precisamos pesquisar sobre elas para entendermos melhor o que cada uma dessas metáforas criativas instanciava e por serem domínios-fonte específicos que exigem um conhecimento de mundo para sua compreensão.

Quando mapeamos características do domínio-fonte carrasco para o domínio-alvo orientador, observamos que para cada personagem citada, um mapeamento diferente ocorre dentro do discurso.

Tomamos como primeiro exemplo, Miranda Priestly. Ela é editora-chefe de uma das revistas de moda mais famosas no mundo. É uma pessoa difícil de lidar, castradora, já que corta pela raiz qualquer iniciativa dos seus funcionários e não controla suas críticas severas, carregadas de ironia, em quaisquer circunstâncias. Miranda é o protótipo da chefe durona, cujo comportamento é pautado pela frieza, impiedade e até crueldade. Ela intimida a todos com seu tom de voz baixo exalando desprezo e ausência total de empatia. Seus funcionários são tratados como subalternos, escravos, que estão ali para servi-la. E mesmo quando o expediente acaba, ela se faz presente com seu celular, marcando território. Ela é o trabalho dela dentro de um ambiente urbano.

O orientador tipo Miranda Priestly seria castrador, não dando autonomia aos seus orientandos, controlador porque deseja saber todos os passos de seus pesquisadores, desde cumprimento de tarefas, prazos até seus passos fora da universidade. Possivelmente acha que os alunos não têm direito a diversão nem nos finais de semana e que suas vidas

⁸ <http://www.aulete.com.br/carrasco>

giram em torno de sua pesquisa. Como a Miranda, deve pedir que alunos façam tarefas de fora do ambiente acadêmico, o que geraria um conflito muito grande e uma pressão psicológica sobre os orientandos, que não tem outra saída a não ser obedecer a seu carrasco sob pena de punição. Essa punição poderia vir de várias formas: uma nota baixa num trabalho, uma não indicação para um evento, para citar algumas.

Encontramos na fala de dois pós-graduandos, comportamentos semelhantes ao da personagem, que constituem o *frame* carrasco, embora não tenham usado o léxico carrasco em sua descrição:

(6) “... colocam o aluno para baixo, ou em qualquer problema descontam tudo no aluno.”

(7) “... desconta seus problemas nos alunos, força os orientandos a executar tarefas pessoais, força os orientandos a trabalhar além do expediente, humilha os alunos”

Os dados encontrados na pesquisa *online* estão em sintonia com os que encontramos na pesquisa na Internet, o que revela a popularidade do *frame* carrasco entre os alunos de pós-graduação e também pelo senso comum. Algumas vezes, a descrição vem carregada com um toque de humor, considerando-se que quem a faz pode não ter tido a experiência de ter um orientador assim.

(9) “Esse é o mais engraçado, porém o mais tenso! Já vi orientadores que quando o orientando traz alguma dificuldade ele ouve a seguinte resposta: “meu filho, SE VIRA!”. Já vi orientandos que ficam com dor de barriga só de pensar nas reuniões de orientação. O carrasco vai tentar te atropelar a cada reunião com ideias, artigos e trabalho. Sempre você vai se sentir inferior ao lado do seu orientador. Um de seus motes é: “o que você faz das 00h às 06h da manhã?”. Sabe a filosofia de aprender pelo amor ou pela dor? Então...”⁹

A metáfora situada “orientador é carrasco” é instanciada por expressões linguísticas que remetem ao *frame* “carrasco” tais como “atropelar a cada reunião com ideias, artigos e trabalho”, “orientandos que ficam com dor de barriga só de pensar nas reuniões de orientação” e “se vira”. Pelas evidências encontradas, esta metáfora situada tem como metáfora conceptual subjacente PROFESSOR É CARRASCO. Se a principal atribuição do carrasco é a de garantir o cumprimento da pena de morte, o orientador carrasco aqui não é um assassino de fato, mas sua rigidez e comportamento intolerante

⁹ <https://marcoarmello.wordpress.com/2015/09/11/mudandodeorientador/>

são capazes de provocar uma série de reações negativas, tais como medo de uma morte “figurada”. Esse tipo de orientador parece gravitar em torno de tudo aquilo de negativo que pode ser associado à figura de um educador. A metáfora conceptual APRENDER É UMA VIAGEM torna-se dolorida com esse orientador e ganha contornos de crueldade, pois é uma viagem que seus orientandos não querem fazer.

Orientador “carrasco” aparece de forma bem-humorada associada à personagem Nazaré Tedesco, vilã da novela “Senhora do Destino” da Rede Globo de Televisão. Suas maldades são muitas e ela sempre se dá mal, tendo que remendar uma enrascada atrás da outra para não ser descoberta. Não só era uma vilã sem arrependimento ou culpa e preocupação pelos seus atos, como Nazaré adorava comemorar suas vitórias falando sozinha, se elogiando em frente ao espelho, saindo para curtir a noite. Para a atriz Renata Sorrah, que dá vida à personagem nas telas, “Ela é uma vilã sem limites, não tem ética. Mas, ao mesmo tempo, tem humor. Por isso acho que a Nazaré é tão querida, porque as coisas não dão certo pra ela, tudo sempre dá errado.” A partir da reprise da novela no Vale a Pena Ver de Novo em 2017, a popularidade de Nazaré chegou às redes sociais e com toda a tecnologia disponível nos dias atuais, não foi difícil prever uma invasão de *memes* tendo a personagem como tema. No Facebook, por exemplo, a página “Nazaré, A Orientadora” se caracteriza por dar vida a uma “vilã acadêmica”. A página conta com mais de 104.640 e uma coleção de 476 *memes*, dos quais destacaremos alguns para esta pesquisa¹⁰.

¹⁰ (1) <https://www.facebook.com/nazareaorientadora/photos/a.966739003415545/1452764378146336/?type=3&theater>
(2) <https://www.facebook.com/nazareaorientadora/photos/a.966739003415545/1466141020142005/?type=3&theater>
(3) https://scontent.fsdu5-1.fna.fbcdn.net/v/t1.0-9/29595414_1676013109154794_4332152313810237867_n.png?nc_cat=0&oh=86be4e492d3742c17672d1ab7a5f2a1f&oe=5BF9BD89
(4) <https://www.facebook.com/nazareaorientadora/photos/a.966739003415545/1643802359042536/?type=3&theater>



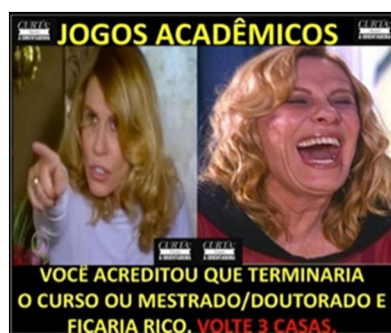
(1)



(2)



(3)



(4)

Nazaré, A Orientadora, tem as características de uma orientadora que constantemente lembra seus orientandos dos prazos, como uma forma de pressão para a entrega de monografias, dissertações e teses, além das produções de artigos científicos. No meme (1), Nazaré faz referência a um acontecimento que gerou notícia e expectativa no país, que foi o desaparecimento de Bruno Borges, conhecido como “menino do Acre”, que ao sair de casa, deixou uma série de enigmas a serem decifrados por internautas, fato que mobilizou as mídias sociais e ganhou notoriedade na imprensa. A parte imagética do meme é a cena do filme “Psicose”, um thriller dirigido por Alfred Hitchcock em que a vítima, representada na figura, é perseguida, atacada e morta por seu algoz, Norman Bates. Imagem que é usada na construção do meme é a cena mais emblemática da película, em que Marion é atacada e morta no chuveiro. O meme faz a relação entre dois eventos, o desespero do orientando, no caso a Marion do filme, ao se deparar com a orientadora lembrando-o de que a versão final do seu trabalho ainda não apareceu, enquanto que até o “menino do Acre” já é a orientadora, cruel e desumana, representada por Nazaré, dá gargalhadas ao ver o desespero do seu orientando.

Nazaré, a carrasco de várias faces, se transforma na representação da morte, como no meme (2), que persegue a família da orientanda cujo projeto não foi entregue conforme o prazo combinado. Para não ser identificada, ela se refere ao “orientador” e não a ela mesma. A “morte”, vinda pelas mãos da orientadora, por não cumprir o prazo pode trazer consequências sérias para o sucesso do orientando e seu trabalho, como por exemplo, a perda de uma bolsa de estudos, a reprovação do aluno e além disso, punição para o programa de Pós-Graduação, que recebe financiamentos de diversas agências de fomento, Capes, CNPQ, Fapesp e Faperj, para citar algumas e depende, não só da produção do corpo docente, mas também da produção do corpo discente, dois dos critérios utilizados para avaliar os cursos de Pós-Graduação no país e gerar o Conceito Capes. Um programa com nota inferior a 3 no Mestrado e 4 no Doutorado, perde sua licença de funcionamento.

O meme número (3), mostra Nazaré lembrando aos seus orientandos até mesmo nos finais de semana, feriados e datas comemorativas, que a vida acadêmica, principalmente se o orientando está devendo, não dá pausa. A Páscoa é tempo de recomeçar, como a mensagem do feriado propõe, a escrever e produzir o que ficou parado porque o orientando aproveitou a “folga” e se distraiu assistindo séries no Netflix.

Os *memes* retratados acima, caracterizam, de forma bem-humorada, os percalços da vida acadêmica, com toda a pressão existente voltada para a produção, as risadas com a personagem são quase catárticas. Ri-se para não chorar. Esse efeito se torna mais expressivo quando associando a uma figura popular fictícia e acontecimentos do cotidiano, seja com paródias musicais, paródias com nomes de filmes, feriados e datas comemorativas. Acreditarmos estar diante de uma metáfora situada “fazer uma tese/escrever uma dissertação é um jogo”, que pode ser como no filme, “Jogos Vorazes” ou como no jogo de tabuleiro. A sobrevivência, para uns e a vitória, para outros, está nas mãos dos orientandos.

Considerações Finais

Nos segmentos selecionados para compor este trabalho, foi possível encontrar evidências da presença de metáforas situadas apoiadas por metáforas conceptuais subjacentes como no caso de “orientador é guia” cuja metáfora conceptual PROFESSOR É GUIA ajuda na construção da argumentação, que fornece um ponto de vista de como a comunidade linguística reconhece como uma das características de um orientador de

pesquisa. Entretanto, essa construção metafórica não existe por si só. Pelo conhecimento de mundo, as interações socioculturais e o que chamamos de senso comum fornecem base para o reconhecimento de categorias que são construídas a partir de nossa interação com o exterior. FAZER UMA DISSERTAÇÃO É UMA VIAGEM/JORNADA, ESCREVER UMA TESE É UMA VIAGEM e FAZER DISSERTAÇÃO/TESE É CAMINHAR também encontrada no corpus constituem metáforas conceptuais acionadas em expressões metafóricas como “percurso acadêmico”, “direciona a jornada”, “trajetória”

A figura do carrasco, como visto, associada ao professor universitário também estende seu domínio para caracterizar o orientador. A metáfora situada “orientador é carrasco” mapeia certas características do carrasco que dependem da figura evocada: alguém que odiamos, que sempre nos lembra do cumprimento de prazos e que coloca pressão para a produção de artigos. Pode ser também alguém onipresente, tratada de forma bem-humorada, como nos *memes* de Nazaré, A Orientadora, em que encontramos a presença de outra a metáfora situada “fazer dissertação/escrever uma tese é um jogo”. O ponto em comum é: ninguém deseja ter um orientador carrasco.

Acreditamos que com este artigo pudemos evidenciar a presença de metáforas conceptuais, metáforas situadas e *frames* subjacentes às expressões linguístico-metafóricas encontradas. Durante a investigação, percebemos que a pesquisa empreendida na Internet e a realizada com estudantes de pós-graduação trazem semelhanças quanto a incidência de *frames* e pontos em comum entre textos e relatos que merecem uma investigação mais detalhada, já em andamento, que fará parte da dissertação de mestrado sob o mesmo nome.

REFERÊNCIAS

CAMERON, L. e DEIGNAN, A. “*The Emergence of Metaphor in Discourse*”. Applied Linguistics 27(4), 2006. pp. 671-690.

CAMERON, L. “*Metaphor shifting in the dynamics of talk*”. In: Zanotto, M. S. et al. Confronting metaphor in use: an applied linguistic approach. Amsterdam: J. Benjamins, 2008.

CAMERON, L.; MASLEN, R. (Org.). *Metaphor analysis: research practice in applied linguistics, social sciences and the humanities*. Londres: Equinox, 2010.

CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus approaches to critical metaphor analysis*. Nova York: Palgrave, 2004.

-
- DEIGNAN, A. *Metaphor and corpus linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2010.
- FILLMORE, C. “An alternative to check list theories of meaning”. In *Proceedings of the First Annual Meeting of Berkeley Linguistics Society* 123: 131, 1975.
- GIBBS, Jr. Raymond, W. 1994. *The poetics of mind: figurative thought, language and understanding*. New York: Cambridge University Press, 2002.
- KÖVECSES, Z. *Metaphor in Culture: universality and variation*. Cambridge: CUP, 2005.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Mercado das Letras. Tradução: Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM). Coord. Mara Sophia Zanotto e pela tradutora Vera Maluf. São Paulo, 2002.
- MILLER, G.A. *Images and models: similes and metaphors*. In: ORTONY, A. (ed.), *Metaphor and thought*. Cambridge. Cambridge University Press, 1979, p. 202-250.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. *Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação*. In: CAVALCANTI, M. M. et al. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.
- SEMINO, E. *Metaphor in discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- STEEN, G. *Metaphor in applied linguistics: four cognitive approaches*. D.E.L.T.A., v. 22, n. especial, 2006, p. 21-44.
- VEREZA, S. C. *A metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva*. *Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC*, v. 7, n. 3, p. 487-506, set./dez. 2007.
- _____. *O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso*. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 41, p. 199-212, 2010.
- VEREZA, S. C. (Org.). *Sob a ótica da Metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói: Editora da UFF, 2012.
- VEREZA, S. C. “*Metáfora é que nem ...*” *Cognição e discurso na metáfora situada*. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, p. 2-21, jul. dez. 2013.
- VEREZA, S. C. *Cognição e sociedade: um olhar sob a óptica da linguística cognitiva*. *Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC*, v. 16, n. 3, p. 561-573, set./dez. 2016.
- VEREZA, S. C.; VIEIRA, R. *Metáfora e referenciação em nichos metafóricos*. IN: FELTES, Heloisa Pedroso de Moraes; GOMES, Languisner. *Entre mesclas e metáforas: nos labirintos da geração do sentido*, Caxias do Sul: Educ. 2012, p.53-72.